

— A GRANDE —

Reconstrução



ELBEN M. LENZ CÉSAR

ELBEN M. LENZ CÉSAR

——— A GRANDE ———
RECONSTRUÇÃO

A GRANDE RECONSTRUÇÃO

Categoria: Evangelização | Estudo Bíblico | Vida cristã

Copyright © Editora Ultimato

Todos os direitos reservados

Primeira edição eletrônica: Maio de 2018

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia Nunes

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Rua A, nº 4 - Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	6
--------------	---

PARTE 1: A catástrofe

Tudo era muito bom	8
Alguém deixou entrar alguma coisa	11
O maior estrago	13
Forças ocultas	16
O rei dos terrores	19
Gemidos da criação	22
Reações da santidade	25

PARTE 2: A reconstrução

O Senhor proverá	29
Transferência e substituição	33
Mesa bem suprida	37
Mais poderoso do que a morte	41
Do lado de fora	44
Tudo está feito	47
Ele é digno	50

Este livro foi escrito por Elben M. Lenz César em 1966, a pedido de um missionário holandês. O objetivo era escrever algo simples que aumentasse a convicção dos crentes daquela época.

APRESENTAÇÃO

Há dois textos de importância capital nas Escrituras Sagradas. Falam de duas realizações opostas: a de introduzir o pecado no mundo e a de retirar o pecado do mundo. Referem-se a duas pessoas distintas: Adão e Cristo. Explicam uma série de coisas que de outro modo não seriam esclarecidas.

O primeiro versículo foi dito por Paulo na Carta aos Romanos: “Por um só homem entrou o pecado no mundo”. O segundo são palavras da apresentação oficial de Jesus ao povo feita por João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”.

O pronunciamento de Paulo explica a razão do caos em que a humanidade tem vivido, a origem da maldade humana e de tudo que produz dor e sofrimento, quer físico quer moral. A declaração do precursor de Jesus apresenta a base do entusiasmo e da esperança de que muitos são possuídos, mesmo em meio a circunstâncias difíceis e sombrias.

A *Grande Reconstrução* pretende analisar as implicações do primeiro e do segundo textos, por meio de duas seções distintas.

PARTE 1

A CATÁSTROFE

“Por um só homem entrou o pecado no mundo” (Rm 5.12).

TUDO ERA MUITO BOM

DEUS ESTAVA CRIANDO os céus e a terra e verificava a cada passo se as suas obras saíam a contento. Tudo lhe agradava. A luz era boa porque despachou para longe as trevas que prevaleciam sobre a face do abismo. A configuração geográfica com a separação entre as águas e a porção seca pareceu-lhe excelente. Todas as espécies de vida vegetal foram criadas e providas de um sistema próprio de preservação e multiplicação. A relação entre a Terra e o sol, entre a Terra e seu satélite natural, a lua, foi previsto e determinado com precisão matemática. Basta lembrar que uma alteração nas distâncias e nos movimentos entre eles produziria um desastre de proporções incalculáveis. Os peixes, os répteis, as aves e os mamíferos viveram a existência, dotados de meios de reprodução. Deus mesmo vai verificando se cada ato criador era bom, como se lê em Gênesis, capítulo um, versos 4, 10, 12, 18, 21 e 25.

A esta altura Deus vai preocupar-se diretamente com o homem, por causa de quem todas as demais obras haviam sido até então consumadas. O homem seria a coroa de toda a criação. Naquele extraordinário momento criou Deus o homem e o criou à sua imagem. Percebeu-se de imediato a superioridade do homem. Como os animais, os vegetais e os minerais, o homem é a criação de Deus. O especial é que, além de ser obra das mãos de Deus, o homem foi formado à semelhança do Criador. Vê-se essa semelhança na liberdade de ação com que Deus dotou o homem, que não agiria por impulso de instintos, como os animais. Teria inteligência, poder de discernir e raciocinar. O homem não seria um autônomo acionado por Deus, nem um fantoche desempenhando inconsciente um papel qualquer. Ele teria autodeterminação. A semelhança com Deus quer dizer também que o homem foi criado reto, sem pecado, sem propensão pecaminosa.

Ao soprar-lhe nas narinas o fôlego da vida, Deus emprestou algo de si ao homem. Por esta razão, o homem sente-se atraído por Deus, sente falta dele e é incapaz de satisfazer-se totalmente sem ele. É a tal sede de Deus de que se queixava o salmista (Sl 42.1-2). Ao invés de ser prejudicial, esta circunstância leva o homem ao inaudito privilégio da comunhão pessoal e real com o Todo Poderoso Criador.

Há quem veja uma falha grave na obra da criação: se Deus sabia que o homem comeria o fruto proibido, por que permitiu que ele corresse tal risco? Pela própria natureza do homem isso seria inevitável. O homem deveria desenvolver sua bondade e sua retidão originais não por obrigatoriedade, ou imposição, nem por ausência de possibilidade de pecar ou deixar de pecar. A menos que sua determinação seja deixar de pecar. A prova a que Deus foi submetido era mais um privilégio do Criador. Essa circunstância também fazia parte do esquema divino e mostra a coerência de seus desígnios.

Percebeu Deus a existência de alguma coisa que não era boa: “Não é bom que o homem esteja só”. O senão foi imediatamente reparado com a formação da mulher.

Ao final de seus atos criadores, “viu Deus tudo quanto fizera e eis que era muito bom” (Gn 1.31). De fato tudo saiu a contento, sem um defeito ou lapso.

ALGUÉM DEIXOU ENTRAR ALGUMA COISA

HÁ UM GRANDE CONTRASTE entre os fatos nos primeiros dois capítulos da Bíblia e as narrativas dos capítulos 4 e 11 de Gênesis. Naqueles encontramos perfeição absoluta, ausência de maldade e uma curiosa comunhão entre Deus e o homem; nestes vemos uma série crescente de coisas desagradáveis e surpreendentes.

O homem é tomado por um sentimento horrível de inveja. A ira toma o lugar da inveja e, no seu ápice, gera o crime de homicídio. Como se trata de irmãos carnis, o crime assume o aspecto mais hediondo possível: estamos diante de um fratricídio! O transgressor não para e, ao ser arguido por Deus, responde com mentira e aspereza. Estas coisas não impedem que a vida continue. Mas é uma vida diferente, estranha, insuportável, cheia de riscos e imprevistos, de insatisfação e confusão. O homem progride, faz descobertas, tem iniciativas, introduz-se no campo das artes, aprende trabalhar com ferro e

bronze, explora riquezas da terra e multiplica-se rapidamente. Porém, é incapaz de controlar uma força desencadeada contra ele algum tempo antes.

Um tal Lameque inaugura a prática da poligamia e da violência. Gloriava-se de ter assassinado o homem que o ferira e o rapaz que o pisara. Fazia trovas e cantava ameaças a suas esposas. A terra enche-se de violência. O homem desce ao nível dos animais: vai prevalecer pela força. As reservas morais desaparecem e generaliza-se a corrupção. Era continuamente mau todo desígnio do coração do homem. A situação chega a ponto de exigir a intervenção drástica de Deus por meio do Dilúvio. No reinício de tudo novamente se manifesta e se multiplica a ação daquela força que o homem não sabia conter. O homem manda Deus às favas e pretende viver a seu bel-prazer.

Alguém deixou entrar alguma coisa que deu origem a tudo isso. Quem é esse alguém? Quem é essa alguma coisa? Na Carta aos Romanos (5.12), Paulo menciona esse incidente e explica: “Por um só homem entrou o pecado no mundo”. Refere-se a Adão e à história do capítulo 3 de Gênesis. Um grande mistério haveria na Bíblia e na história do homem se esse capítulo fosse suprimido. É ali que encontramos o registro da mais triste história até hoje escrita. Adão cedeu à tentação, desobedeceu, errou o alvo de sua vida. A sua queda deu lugar à entrada do pecado no mundo terráqueo e na experiência humana.

Pecado e desobediência antecedem a criação da terra e do homem. Não estamos informados com precisão sobre sua origem e desenvolvimento. Mas uma coisa a Bíblia nos revela com clareza: foi o primeiro homem. Adão, o introdutor do pecado aqui em nosso habitat. Podemos não conhecer a origem do pecado no universo, mas estamos muito bem cientificados da origem do pecado na história do homem. O pecado foi importado. Não é produto da terra nem obra das mãos do Criador.

O MAIOR ESTRAGO

O PECADO DE ADÃO não foi um ato isolado. Trouxe sérias e tremendas implicações que, às vezes, são mal compreendidas e aceitas com má vontade. “Por um só homem entrou o pecado no mundo”: não apenas na história, mas também, desgraçadamente, na própria natureza humana. Além de mero ato o pecado passou a ser ainda grave estado. Assim é que todos possuímos uma natureza pecaminosa, uma propensão, inclinação ou pendor constante para a prática de coisas condenáveis. “Esforçamo-nos para conseguir o que é proibido, desejamos as coisas que nos são negadas” (Ovídio). É o pecado em estado latente.

Os mais santos e notáveis homens de Deus não foram isentos dessa natureza corrompida. Tiago declara que o profeta Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos (Tg 5.17). Não foi a ausência de pecaminosidade que imprimiu nova direção à vida de Moisés, e sim uma decisão corajosa de

preferir agradar a Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado (Hb 11.25). Todos tiveram de oferecer resistência ao pecado, tiveram de esmurrar a carne, tiveram de assassinar a herança adâmica vez após vez, momento após momento.

Apenas Adão (e até à ocasião em que desobedeceu) não tinha propensão pecaminosa. Poderia ser tentado, como de fato o foi, por alguma força exterior. Não seria forçado a cair. Era uma questão relativamente fácil: guardar ou não a palavra do Criador. Com o insucesso, Adão sai de seu estado original, desfigura sua presença com Deus e perde a inocência pessoal. Estavam em seu poder as chaves da perpetuação da espécie. Aos seus descendentes imediatos e remotos transmite Adão sua própria imagem (que não é mais exatamente a de Deus) e suas tendências pecaminosas recentemente adquiridas. Daí a multiplicação da espécie coincidir com a multiplicação do mal. Centenas de anos depois, Jesus vai lembrar que “de dentro do coração dos homens é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura: todos estes vêm de dentro e contaminam o homem” (Mc 7.21-23). Agora, é fácil descobrir porque Caim, no raiar de nossa história, se tornou o protagonista de cenas tão repelentes: ele abriu as comportas de sua natureza pecaminosa e a inveja, a ira, os maus desígnios, a loucura, o homicídio e a soberba fluíram.

É interessante observar que alguns literatos latinos, não cristãos, se queixavam da presença de uma força contrária e nociva, interior, usando frases semelhantes às do apóstolo Paulo na Carta aos Romanos (7.15, 18). Paulo: “Sabia como me comportar, mas, mísero de mim, não tinha força para agir”. Ovídio: “Vejo o que é pior”. Sêneca: “Oh! Que é isso que, quando queremos ir para um lado, nos arrasta para o lado oposto?”. Paulo: “Porque nem mesmo compreendo o meu

próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. O querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo”.

Analisando os impulsos de sua estranha e contraditória natureza, Paulo descobre a presença do pecado no mais profundo de seu ser: “Se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim”. “Ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei de minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Rm 7.20, 21, 23). Reconhecendo o potencial pecaminoso de seu coração, Paulo juntamente com Barnabé se identifica com os pagãos da Ásia Menor, afirmando: “Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos” (At 14.15). Neste sentido, Paulo não era diferente de Caim ou Lameque! A única diferença está no fato de que estes não puderam nem quiseram conter os ímpetos do pecado, e Paulo, por meio de recursos que veremos oportunamente, represou a propensão pecaminosa.

Assim como só enxergamos dez por cento de um iceberg porque o grosso mesmo está submerso, o que vemos de mal em uma pessoa não representa a sua capacidade pecaminosa total. Há dois séculos o poeta alemão Goethe confessou: “Não vejo falta cometida que eu não pudesse ter cometido”. Samuel Johnson quis dizer a mesma coisa quando escreveu: “Cada qual sabe de si mesmo o que ele não ousa contar ao seu mais íntimo amigo”. Aliás, não foi Sêneca, há dois milênios, quem chegou à conclusão de que “somos todos perversos?”. “O que um reprova no outro, ele o achará em seu próprio peito. Vivemos entre perversos, sendo nós mesmos perversos”. Tem razão o provérbio chinês: “Há só dois homens bons: um morreu e outro ainda não nasceu”.

O maior estrago causado pela queda de nossos primeiros pais foi a continuação de nossa natureza pecaminosa. “Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias” (Ec 7.29).

FORÇAS OCULTAS

DESDE A TRISTE EXPERIÊNCIA da queda, o homem é importunado pelo pecado por meio de sua própria pecaminosidade e por meio de forças externas. É engano pensar que o mal vem apenas de dentro ou apenas de fora. As duas forças se unem para conseguir os mesmo resultados. Em certas ocasiões, uma pode exercer mais pressão ou até agir sem interferência da outra. O ensino de Paulo é que o homem natural anda segundo as inclinações da carne (natureza pecaminosa), fazendo a vontade dela e dos pensamentos, e segundo o curso deste mundo mantido pelo príncipe da potestade do ar, pelo espírito que agora atua sobre eles (Ef 2.1-3).

Com o pecado veio também o domínio satânico sobre o mundo terráqueo. Em três ocasiões, Jesus refere-se a Satanás como “o príncipe deste mundo” (Jo 12.31, 14.30 e 16.11). Paulo modifica um pouco a frase para o “príncipe da potestade do

ar” (Ef 2.2) e, em outra carta, diz respeito a ele mencionando as palavras “deus deste século” (2Co 4.4).

Não é possível entender a tão grande influência de Satanás sobre os homens, nem a sua impressionante liberdade de ação, nem a extensão de seu domínio sem relacioná-las com a desobediência do primeiro homem. “Por um só homem entrou o pecado no mundo.” Satanás valeu-se dessa oportunidade e penetrou também no mundo ao lado ou imediatamente atrás do pecado, empurrando-o. O governo do mundo ou das nações em certo aspecto está em suas mãos. São significativas as palavras por ele pronunciadas por ocasião da tentação de Jesus, ao mostrar-lhe, num momento, todos os reinos do mundo: “Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser” (Lc 4.6). Mais significativo é o fato de Jesus não desmentir Satanás neste pronunciamento. Concordam com isto as palavras de Cristo a Pilatos: “Agora o meu reino não é daqui” (Jo 18.36) e a profecia do Apocalipse: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (11.15). Agora, Satanás é o grande usurpador.

Não se nega o fato de que certas pessoas se entregam incondicionalmente a Deus e se tornam instrumentos poderosos em suas mãos para o bem-estar de centenas e milhares de criaturas. Semelhantemente somos obrigados a admitir o inverso: a existência daqueles que, consciente ou inconscientemente, se tornam instrumentos nas mãos do “príncipe deste mundo”. É óbvio que Satanás toma partido dos já claramente abertos ao pecado, das tendências pecaminosas de cada um, da ambição pelo dinheiro, por posição e poder. Exemplifica-o Judas. O amor ao dinheiro levou-o a criticar Maria por causa do nardo puro e a oferecer-se para trair o Mestre. Era excelente oportunidade que o “príncipe do potentado do ar” não perderia: “Após o bocado, imediatamente entrou nele Satanás” (Jo 13.27).

Parece que Judas permaneceu nessa situação algumas horas: desde aquele momento até a condenação de Jesus. Depois, caiu em si e acabou suicidando-se (Mt 27.1-5).

Os desatinos, as inversões de costumes e valores, a ausência de paz entre homens e nações, a insegurança, as guerras do passado e do presente são resultado da soma dos pecados dos homens com intromissão de Satanás na esfera humana. Jamais alguém poderia atribuir tais coisas a Deus como culpado direto ou indireto. Não se pode também responsabilizar apenas o homem. Há reincidência nas desgraças que sobrevêm à humanidade que para entendê-las e explicá-las é necessário recorrer a uma fonte de informação extra-humana, que é a Bíblia. Ali o pano se levanta e aquele de quem emanam as forças ocultas do mal e que faz dos homens seus fantoches e instrumentos é revelado. Seu nome é Satanás e sua posição é a de “príncipe deste mundo”. Não foi sem razão que o caricaturista do século 19 pintou Satanás tendo ao colo Napoleão e dizendo-lhe: “Este é meu amado filho em quem eu tenho posto minha complacência”. No entanto, “o mais engenhoso ardil de Satanás é convencer-nos de que ele não existe”. Enquanto Deus diz “Eu sou o que sou”, Satanás declara, segundo o poeta francês Baudelaire: “O meu nome é Ninguém. Não há ninguém: de quem deveis ter medo? Ides tremer diante do Não-existente?”.

De fato, Satanás agora atua sobre os homens e a nossa luta é “contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais (ocultas) do mal, nas regiões celestiais” (Ef 6.12).

O REI DOS TERRORES

A MORTE É UM FLAGELO. Paulo denominou de “o último inimigo” (1Co 15.26). A luta pela sobrevivência começa antes do nascimento e continua a vida toda. Apesar de ser evento de todo dia, de toda hora, de todo instante, ninguém se acostuma com a ideia. A morte sempre provoca lágrimas, tristeza, dor e saudade. O único registro bíblico de que Jesus tenha chorado está relacionado com a morte (Jo 11.35).

A morte não estava nem poderia estar nos planos de Deus para o homem. O pecado foi o cavalo de Troia para introduzir a morte na criação de Deus. “Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte.” “Pela ofensa de um, por meio de um só, reinou a morte” (Rm 5.12, 17). “A morte veio por um homem” (1Co 15.21). Deus preveniu Adão quanto à relação entre a morte e o pecado: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). A morte está condicionada

ao pecado em toda a Bíblia. “A alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4). A recompensa (ou o salário) do pecado é a morte (Rm 6.23). Tiago explica o processo que dá origem ao pecado e acrescenta: “E o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tg 1.13-15). Não haja dúvida e ninguém se iluda: a morte é de fato consequência do pecado. Morte nas Escrituras significa separação ou desintegração. Menciona-se a morte em diferentes aspectos: morte física, morte espiritual e morte eterna.

A morte física é a “cessação definitiva de todos os atos cujo conjunto constitui a vida dos seres organizados” (Littre). É a morte somatopsíquica. É aquilo que irremediavelmente reduz o corpo do indivíduo ao estado de putrefação, ao esqueleto e, por fim ao pó. A morte física é a desintegração do homem, a separação dos elementos material (o corpo) e espiritual (a alma ou o espírito). Para que o filho da viúva de Sarepta tornasse a viver, Elias orou: “Rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele” (1Rs 17.21). Salomão descreve a morte em termos de separação: o pó volta a terra e o espírito volta a Deus.

Algumas pessoas nas Escrituras são descritas como mortas, sem, contudo, terem ainda experimentado a morte física. Jesus, por exemplo, referiu-se aos mortos que deveriam sepultar os seus próprios mortos. Chega-se facilmente à conclusão de que a Bíblia diz respeito às vítimas da morte espiritual. O homem está morto em suas relações espirituais, no seu intercâmbio com Deus. Morte espiritual é o estado em que se encontram os homens que ainda não se reconciliaram com Deus. O pecado é que provocou esta desintegração. “Os vossos pecados fazem separação entre vós e vosso Deus” (Is 59.2). A passagem mais acabrunhadora da Bíblia é Gênesis 3.8: “Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do

jardim”. Esconderam-se porque tiveram medo. Tiveram medo porque haviam desobedecido. Da parte de Deus nada havia para infundir medo. Ele não estava exasperado nem com azorrague na mão. O medo foi um fenômeno psíquico provocado por uma atitude anormal do homem, isto é, o pecado. A partir deste primeiro pecado, o homem não tem tido comunhão fácil com Deus. O criador parece distante, mas não foi ele que se afastou. As relações foram prejudicadas por iniciativa do homem. Esta situação a Bíblia descreve como morte espiritual. Os crentes de Éfeso e Colossos, antes da aceitação do evangelho pregado por Paulo, estavam mortos em delitos e pecados (Ef 2.1, 5; Cl 2.13). Esse estado de morte espiritual não é definitivo nem irremediável. Há provisões para que a morte seja vencida, para que se restaure a comunhão do homem com o Criador.

A morte física é o prolongamento e o agravamento da morte espiritual. Quando o homem não faz uso das provisões acima referidas, ele é tragado pela morte eterna. Muito apropriadamente é também denominada a segunda morte. A ela se referem quatro passagens: Apocalipse 2.11; 20.6, 14; 21.8. Nada tem a ver com morte física. É morte ainda no sentido espiritual, mas, agora, de duração igual à da alma, o que vale dizer, é eterna. É a separação de Deus para todo o sempre, pelos séculos dos séculos. O homem deve lembrar-se de seu criador e reconciliar-se com ele “antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ec 12.6-7).

GEMIDOS DA CRIAÇÃO

AO CONTEMPLAR OS CÉUS, a lua e as estrelas, Davi fica admirado com a preeminência dada ao homem: um pouco menor do que o próprio Deus e coroado de glória e de honra! E o mais impressionante é que Deus lhe deu o domínio sobre as obras da sua mão e colocou as coisas sob os pés do homem (Sl 8.3, 6). Na verdade, o homem seria o senhor de toda a criação.

O homem não perdeu a posição primitiva de dominador das coisas criadas por causa da experiência pecaminosa de Adão. Por esta razão, vem ele fazendo maiores e mais sensacionais conquistas dos elementos da natureza: localiza e usa a energia elétrica, supera a gravidade, cria variedades novas de frutos através de enxertos, coloca em órbita da terra satélites de telecomunicações ou meteorológicos, constrói computadores eletrônicos, domina o átomo servindo-se de sua energia e pretende alcançar a lua dentro dos próximos quatro anos.

Porém, a criação de Deus não deixou de sentir o impacto da queda do homem no pecado. Havendo íntima relação entre o homem e a natureza (unidade orgânica), o pecado atingiu de algum modo a criação. No mais importante capítulo da Carta aos Romanos, Paulo deixa suficientemente claro que “a criação está sujeita à vaidade; não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.20-21).

A criação não se corrompeu por sua vontade, como o primeiro homem. Não era pessoa para se corromper ou deixar se corromper. Ela foi levada de arrastão pelo homem, porque a ele estava sujeita. Foi corrupção automática e não voluntária. Ela foi amaldiçoada por causa do pecado de Adão: “Maldita é a terra por tua causa” (Gn 3.17). Esta corrupção é evidentemente não moral, mas física. (Vale a pena citar o Salmo 102.25-26 – Os fundamentos da terra e os céus “envelhecerão como um vestido”).

É claro que essa corrupção ou degeneração não atingiu apenas o solo que o homem deveria lavrar. Partindo do princípio bíblico de que a obra da criação saiu perfeita, somos constrangidos a relacionar com a queda os fenômenos destruidores da natureza. Chuva em demasia e seca, ciclones e tufões, calor e frio intensos, terremotos e erupções vulcânicas, porventura, visitariam o homem, se permanecesse em seu estado de inocência? Se dissermos que Deus permite essas coisas para punir a maldade humana, nada mais estaremos fazendo que relacioná-las de fato com o pecado.

A inteligência e as conquistas do homem têm sido inevitavelmente usadas pelo “continuamente mau” designio do coração humano. Cientistas como Alfred Nobel, Alberto Santos Dumont e Albert Einstein experimentaram decepções quando viram os usos de seus inventos para fins de destruição e morte. O homem deste século e a própria natureza vivem sob a pressão

da ameaça de extermínio simplesmente por causa de recentes e terríveis descobertas. A maldade intrínseca do homem, sua sujeição ao “príncipe da potestade do ar”, a loucura e a insensibilidade de sua mente orgulhosa concorrem para a corrupção e desagregação das obras da natureza.

Por estas razões, Paulo, em sua linguagem poética, personifica a criação inanimada e diz: “Sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22). Está com dores de parto. Ela se alegrará, porém, porque “será redimida do cativeiro da corrupção” (v. 21).

REAÇÕES DA SANTIDADE

PORQUE DEUS É SANTO e porque originalmente fomos criados em santidade, o pecado sempre provoca uma reação. Embora tão constante e tão reclamado pelo homem, o pecado é uma anormalidade. As reações produzidas são comumente conhecidas pelas palavras castigo ou juízo. Não quer isto dizer que Deus esteja impaciente e furioso com descontrolado desejo de soltar a vara nas costas dos transgressores. Não foi assim o trato dispensado a Adão, após o mais grave delito da história. O Senhor Deus não gritou, não se desorientou; chamou, conversou, explicou e misturou a justa sentença com a primeira promessa de perdão e salvação (Gn 3.8-19). O que ele fez era o que se podia esperar. Se ele não agisse assim, teríamos uma decepção: estaríamos na presença de um Deus sem santidade, sem justiça e sem amor. O homem, por sua vez, embriagado pelo pecado, desceria mais depressa e mais vertiginosamente,

aceitando como verdadeiras as mentiras do tentador (“é certo que não morreréis”). A reação da santidade construiu o primeiro dique ao desencadeamento do pecado e a manifestação de seu amor vaticinou o extermínio irrevogável e final de Satanás. O bispo Lesslie Newbigin, da Igreja do Sul da Índia, diz que se Deus tratasse o pecado seria o fim de todas as coisas. “Somente há justiça porque Deus o sustenta; somente há verdade porque Deus a preserva. Se Deus tratasse o errado como se fosse verdade, isto seria o fim de todas as coisas. A ira de Deus é revelada dos céus contra toda a injustiça dos homens. Se não fosse assim, não haveria justiça.” As reações da santidade de Deus, pelo livre exercício de justo juízo (ou de sua ira) são, pois, naturais e benéficas.

Desde sua intromissão, o pecado tem aborrecido sobremaneira ao homem. Alguns chegam à feliz conclusão de que é muito mais fácil e melhor evitá-lo e lutar desesperadamente contra ele. As reações da santidade de Deus e da santidade original do homem, da qual restam uma vaga lembrança e uma melancólica saudade, criam embaraços ao livre exercício do pecado. Deus se serve destes meios naturais para impedir a derrocada final. São medidas de repressão.

As manifestações são variadas e sintomáticas. Ora é o sentimento de frustração provocado pela ausência do prazer pecaminoso e pela não compensação do pecado (é o caso do filho pródigo, em Lc 15.17); ora são as reações do corpo físico que não se adapta ao pecado e sofre (é o caso referido em Rm 1.27); ora é o cumprimento do preceito de que “um abismo chama outro abismo” (Sl 42.7) e a formação de uma cadeia de pecados, que não se esperava nem se desejava (é o caso de Davi, em 2Sm 11); ora são os desequilíbrios psíquicos e emocionais resultantes de prática insistente de pensamentos e atos pecaminosos (é o caso de Saul, em 1Sm 16.14-23).

A santidade e a justiça de Deus, porém, reclamam muito mais. Todos se fizeram culpados. O mesmo capítulo que informa que “por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte”, declara que “por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação” (Rm 5.18). Em Adão e individualmente “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23), o que quer dizer: “Tanto na realidade como em consciência todos estamos muito distantes da luz ofuscante da perfeição divina”. Ninguém tem qualquer vantagem, pois todos estão debaixo do pecado, tanto gentios como judeus, assim os que pecaram sem lei como os que com a lei pecaram (Rm 3.9,2-12). “Não há acepção de pessoas” (Rm 2.11). “Porque Deus a todos encerrou na desobediência” (Rm 11.32). É uma situação dolorosa, porém necessária. O manto de culpa envolve toda humanidade, quer os homens queiram ou não, quer reconheçam ou não os seus próprios pecados. Esta é a maior reação da santidade de Deus e o mais legítimo desempenho de sua justiça. Porém, outro atributo de Deus é o amor. É por meio do amor – de que a humanidade é alvo – que Deus salva e livra da culpa. Afinal “Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos” (Rm 11.32).

PARTE 2

A RECONSTRUÇÃO

“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”
(Jo 1.29).

O SENHOR PROVERÁ

O VELHO E O MOÇO subiam as encostas da montanha. O jovem carregava lenha sobre os ombros e o ancião levava fogo e um instrumento penetrante. Vieram de longe. Que iriam fazer lá em cima? Seriam alpinistas? Estariam com a intenção de acampar por alguns dias? Não. O caso é outro. O pai e o filho iam oferecer a Deus um sacrifício expiatório. O mais idoso, embora calado, aparentava um semblante tranquilo e resoluto. O rapaz é que, desde o início da viagem, não estava entendendo a ausência do animalzinho usado nos holocaustos da família (um cordeiro sem defeito, macho de um ano, ou um cabrito). Não mais contendo a natural curiosidade, quebrou o silêncio:

– Meu pai! Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?

O pai, que esperava para qualquer momento a pergunta, continuou a subir e, sem se perturbar, respondeu:

- Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto.

O moço aceitou a explicação, ou melhor, a solução para o problema. Afinal de contas, o pai tinha bagagem extraordinária de experiências religiosas e havia aprendido a confiar em Deus em qualquer circunstância. Cerca de quarenta anos antes, o ancião, chamado por Deus, saiu da terra de seus pais pela fé, sem saber aonde ia, e tudo deu certo. Quantas vezes ele, o filho, ouvira da mãe e do pai a história de seu próprio nascimento! O pai, já idoso, impossibilitado de gerar filhos, e a mãe, estéril e avançada em anos, viram também pela fé, o cumprimento da promessa de Deus de que eles teriam um filho e uma descendência tão numerosa como a areia na praia, o pó na terra, as estrelas no céu. Ora, o pai sabia o que estava fazendo. O jeito era aguardar os acontecimentos e confiar também no *Elohim-Jireh* (Deus proverá).

Chegados à parte mais alta da montanha, o velho e o moço depuseram no chão os apetrechos do sacrifício. O ancião ajuntou umas pedras espalhadas por ali e com elas edificou um modesto altar, sobre o qual dispôs a lenha. O jovem acompanhava todos os movimentos e olhava ao redor na expectativa de localizar o cordeiro ou cabrito para a cerimônia. Eis quando o pai se aproxima e carinhosamente coloca as mãos sobre os ombros do filho, contando-lhe um pormenor que até então ocultara:

- Meu filho! No dia anterior à nossa viagem, Deus me chamou e ordenou: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei". Por esta razão não trouxemos o cordeiro, mas tenho inabalável fé de que ele nos fará descer juntos deste monte, pois você é o único filho e Deus me garantiu que por seu intermédio será

chamada numerosa a minha descendência. Não sei exatamente qual a providência divina, mas sei que Deus é poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos. O Senhor proverá. Vamos!

Depois destas palavras, evidentemente pronunciadas com embargo, Abraão “amarrou Isaque seu filho e o deitou no altar, em cima da lenha; e estendendo a mão, tomou o cutelo para o imolar”. Estava para sacrificar o seu unigênito, quando do céu lhe bradou o Anjo do Senhor:

– Abraão! Abraão! Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não negastes o filho, o teu único filho.

Ato contínuo, viu Abraão atrás de si um carneiro preso entre os arbustos. Era a primeira grande experiência de fé da qual Isaque participava conscientemente. Abraão desamarrou-o e o levantou da lenha e, em lugar de seu filho, ofereceu o carneiro. Deus havia provido. Deus não falhara. Aquele luar daí por diante seria conhecido pelo nome *Jeová-Jireh* (o Senhor proverá). O velho e o moço desceram juntos as encostas da montanha com os pensamentos fixos no Provedor de todos os que nele confiam (Gn 22.1-9; Rm 4.18-22; Hb 11.8-19; Tg 2.21-23).

Os textos dos quais se tirou a história acima declaram que o propósito da estranha ordem de Deus era submeter Abraão à prova. Não foi, porém, o único. É bem provável que Deus quisesse mostrar objetivamente seu aborrecimento por sacrifício de crianças, comum entre os povos, no meio dos quais vivia Abraão. Deus ordenou-lhe isso somente para impedir que o fizesse.

Um terceiro propósito é evidente: há no desenrolar de tudo uma preciosa e bela prefiguração do amor de Deus e do sacrifício expiatório de Jesus. Um pai oferece seu filho unigênito (figura profética do amor divino) e uma substituição é consumada (representação profética da morte substantiva de Jesus). Aliás, um dos nomes mais simpáticos e significativos de Jesus é o Cordeiro, sem dúvida relacionado com sua obra vicária

e com a cena do monte Moriá (só no livro de Apocalipse a palavra Cordeiro, referindo-se a Cristo, ocorre 31 vezes). As palavras de Abraão – “Deus proverá para si o cordeiro” – são muito oportunas tanto nas circunstâncias daquele episódio como nas circunstâncias em que se encontra toda a humanidade. Deus iria providenciar um cordeiro (animal) para ser oferecido em lugar de Isaque, e o Cordeiro (o Senhor Jesus Cristo) para dar a sua vida em lugar dos transgressores. É curioso observar que Abraão usou o verbo prover no futuro, antes e depois do sacrifício. Ele disse “o Senhor proverá” e não “o Senhor proveu”.

Passaram-se dois milênios. Muitas coisas aconteceram. Boas e más. O importante, porém, é que certo dia, João Batista viu Jesus que vinha para ele e exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Na singeleza dessas poucas palavras, João descreveu a extensão da obra do Senhor Jesus Cristo e anunciou o início do maior e mais extraordinário programa de recuperação da história: Jesus tira o pecado do mundo.

A orquestra pode começar a música; o coro se levante e inicie o cântico; rostos tristes e abatidos se alegrem; fujam as nuvens e desponte o sol mais brilhante do que nunca. O pano se levantou e o mais sensacional capítulo da história teve seu início. Assistimos ao seu desenrolar!

TRANSFERÊNCIA E SUBSTITUIÇÃO

O HOMEM TOMA PROVIDÊNCIAS prevendo alguma dificuldade futura. Ele não sabe precisamente o que acontecerá e por esta razão previne-se de várias maneiras para enfrentar diversas e possíveis situações. Deus também é providente, mas age de maneira muito mais acertada e econômica, por causa de sua infinita sabedoria. O criador não deixou de criar o homem só porque de antemão sabia que ele escolheria a pior parte e arrasaria completamente. Mas, ciente de que o homem faria mau uso de sua liberdade e cairia em pecado, providencia, com espantosa antecedência, um meio de recuperar tanto a criatura como a criação.

O plano de salvação “pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”, era “conhecido, com defeito, antes da fundação do mundo, porém manifesto no fim dos tempos” (1Pe 1.19-20). Quando Jesus Cristo foi

entregue ao clero e ao poder civil, isto não estava fora de determinado desígnio e presciência de Deus (At 2.23). A vida eterna foi prometida “antes dos tempos eternos” (Tt 1.2). Nos planos de Deus, o Cordeiro foi morto “desde a fundação do mundo” (Ap 13.8).

Um dos mais odiosos resultados do pecado é a sensação de culpa. O pecado original e o pecado individual deixam a impressão de que de fato erramos o alvo e estamos em falta perante a santidade de Deus. Pode ser um vago e leve sentimento para alguns e uma forte e insuportável comoção para outros. É exatamente neste terreno que a providência de Deus começa a agir. O enviado de Deus pretende livrar-nos primeiro da culpa do pecado. Isso ele fez de maneira assombrosamente maravilhosa e, ao mesmo tempo, simples e legal. O Cordeiro de Deus assume consciente e voluntariamente as nossas culpas e sofre no corpo e no espírito as conseqüências naturais. Há uma transferência (a culpa de nossos pecados do passado, do presente e do futuro passam para a responsabilidade de Cristo) e uma substituição (ele recebe em nosso lugar toda justa retribuição que nossos pecados merecem). O resultado é a eliminação definitiva e irrevogável de nossa culpa pelo cumprimento da punição que ela merece. Significa a libertação da culpa do pecado; não mais somos réus! Este livramento foi operado na sexta-feira da Semana da Paixão, entre o meio-dia e às três horas da tarde, no lugar da caveira, um pouco fora da cidade de Jerusalém.

Centenas de pessoas acompanhavam sem entender o desenrolar da Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Outras a assistiram por antecipação, por meio de revelações especiais de Deus. Davi viu e anotou mais o aspecto exterior, os detalhes de posição, dor, sofrimento e sede; a zombaria dos circunstantes, a distribuição das peças de roupa e o sorteio da túnica de Jesus (Salmo 22). O profeta Isaías viu o aspecto

espiritual e o significado profundo da Paixão. Eis o resumo de tudo que ele anotou:

– Vi os descendentes de Adão desgarrados como ovelhas sem pastor nem direção. Vi um homem sem aparência e mui desfigurado, porém impressionantemente reto e justo. Vi quando ele tomou e levou espontaneamente sobre si as dores, as transgressões, as iniquidades e o pecado deles. Ouvi-o interceder pelos transgressores. Vi-o ser traspassado, moído, oprimido, humilhado, ferido e levado como cordeiro ao matadouro. Percebi que ele não abriu a boca, para se defender, para se queixar, para praguejar. Vi o momento quando o castigo (que nos traz a paz) caiu pesadamente sobre ele. Vi o solene instante em que ele deu a sua alma como oferta pelo pecado, derramando-a na morte. Vi quando lhe deram atestado de óbito e ele foi cortado da terra dos viventes. Vi o lugar de sua sepultura. E vi também a sua posterior ressurreição e seu contentamento por causa do resultado do penoso trabalho de sua alma. (Extraído de Isaías 12; 52.13-53.)

Esta foi a extraordinária contribuição de Deus e de seu filho Jesus Cristo para que a certeza e a sensação de perdão substituíssem a impressão de culpa de que éramos possuídos. “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito” e Jesus amou a ponto de dar “a própria vida em favor de seus amigos” (Jo 3.16; 15.13). Graças ao sacrifício de Cristo, Deus apaga as nossas transgressões, de nossos pecados não se lembra e desfaz como a névoa ou a nuvem tudo que ficou para trás (Is 43.25; 44.22). O pecador pode exclamar como o rei Ezequias: “Lançastes para trás de ti todos os meus pecados” (Is 38.17). Ou como Paulo: “Esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.20).

Os benefícios da expiação levada a efeito por Jesus se estenderam a todos, sem distinção. “Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos

do mundo inteiro” (1Jo 2.2). Porém, na realidade, poucos se beneficiaram dela. A razão é simples. O perdão de pecados não é algo automático, só porque Cristo morreu. O perdão não pode ser obrigatório. Até nisto Deus é coerente e permite que o direito de escolha funcione. O livramento da culpa do pecado é para quem deseja, é voluntário. Ele aplica os méritos da morte expiatória de Cristo naqueles que querem e buscam a salvação de suas almas e satisfazem as condições de arrependimento e fé na pessoa e na obra de Jesus. É como um presente que alguém oferece: somente será nosso se quisermos aceitar.

“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Acabamos de ver como ele tira do homem a culpa do pecado. Esta parte de sua obra já foi feita há dois milênios. “Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” (1Pe 3.18).

MESA BEM SUPRIDA

NUMA OCASIÃO Paulo gritou por socorro. A pressão era forte demais e os recursos eram mínimos e impotentes. Foi a única vez em que ele se sentiu desventurado e vencido. Clamou por auxílio de fora: “Quem me livrará do corpo desta morte?”. Refere-se o apóstolo aos efeitos do maior estrago causado pela queda de nossos primeiros pais: a contaminação de sua natureza interior pelo pecado. O socorro não demorou e veio por intermédio do Cordeiro de Deus. O sentimento de gratidão, talvez, nunca fora tão intenso como nessa ocasião: “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7.24-25).

Essa circunstância na vida de Paulo não é um caso isolado. Milhares de pessoas têm a mesma experiência. O homem não deseja apenas livrar-se da culpa do pecado. Ele quer ver-se livre do poder do pecado que exerce uma influência determinante no seu comportamento. Há provisões da parte de Deus para se obter essa vitória.

Desde que o homem pecou há um desequilíbrio entre a liberdade para fazer o bem e a liberdade para fazer o mal. O bem tem menos força que o mal. É mais fácil descer do que subir, nadar a favor da correnteza do que contra ela. Porém, graças a Deus, com o novo nascimento, a implantação de uma nova natureza, o equilíbrio se restabelece. É aí que o Cordeiro de Deus começa a nos libertar do poder do pecado. Alguns membros da Igreja de Corinto vieram das camadas mais degradantes da famosa cidade do pecado da Grécia antiga. No passado eles foram adúlteros, efeminados, sodomitas, bêbados, ladrões e impuros, mas agora não o são (1Co 6.9-11). Há indícios de que o coletor de Jericó amava o dinheiro. Todavia, logo após a conversão, Zaqueu espontaneamente se dispõe a distribuir com os pobres 50% de seus bens e se prontifica a reparar possíveis defraudações com o acréscimo de 400% (Lc 19.1-10). Todo novo convertido de início apresenta essas características de vitória sobre o pecado.

O crente recebe outro reforço de cima: a presença e o ministério santificador do Espírito Santo. Até verificar o novo nascimento, o Espírito trabalha do lado de fora, procurando convencer os homens do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8). Com a experiência da regeneração, o Espírito Santo passa a trabalhar dentro do crente. Inicia uma tenaz resistência contra a carne (a natureza pecaminosa). “A carne milita contra o Espírito e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si” (Gl 5.16). As provisões fornecidas pelo Espírito são inúmeras: Ele vivifica, ensina, guia, consola, fornece poder, santifica e assevera-nos que verdadeiramente somos filhos de Deus. “O fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5.22-23).

Há extraordinários elementos à disposição do homem, dos quais ele pode captar e produzir grande energia espiritual.

Um dos mais importantes é a fé. “Aquele que não pode ver o invisível; aquele que não pode ouvir o inaudível; aquele que não pode sentir o intangível – jamais poderá fazer o impossível.” A confiança constante no poder, nos recursos e na liberdade de Deus gera energia para se vencerem as mais difíceis circunstâncias. Segundo a Carta aos Hebreus, foi a fé a força motriz de todos os grandes vultos do Velho Testamento (a expressão “pela fé” ou “por meio da fé” ocorre vinte e uma vezes no capítulo 11). A luxúria da corte egípcia não exerceu poder sobre Moisés, graças ao dinamismo de sua fé (Hb 11.24-26). “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5.4). Ela “é um candelabro espiritual que ilumina e aquece a alma” (Tomás de Aquino).

Outro elemento gerador de energia espiritual é a leitura devocional da Palavra de Deus. A Bíblia conforta e encoraja, aumenta a fé e cria convicções, mostra onde fomos omissos ou transgressores e apresenta o padrão certo, dificulta o pecado e estimula a virtude. É a espada do Espírito colocada nas mãos do crente (Ef 6.17). A Bíblia é inspirada e útil “a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16-17).

A prática da oração é de suma importância na vitória sobre o poder do pecado. “Pela oração – dizia Lutero – julgo-me mais forte do que Satanás; se não fosse, Lutero já há muito teria sido derrotado”. O crente ora para agradecer, para louvar, para suplicar, confessar pecados, para buscar direção, para interceder e, especialmente para ter comunhão com Deus. A oração é o método preventivo, pois Jesus ordenou: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41). Situações das mais embaraçosas podem ser dissipadas pela oração. Ana derramou o excesso de sua ansiedade e aflição perante Deus e encontrou alívio e solução para seus problemas (1Sm 1.9-18).

Ezequias subiu ao templo e estendeu diante do Senhor a carta malcriada e ameaçadora de Senaqueribe e naquela mesma noite Deus providenciou o que parecia impossível (2Rs 19.8-37). O crente que aprende a fazer uso da oração é herói de muitas batalhas contra circunstâncias, contra indivíduos malévolos e contra o “príncipe deste mundo”. Alguém fez a preciosa descoberta: “Se estou ocupado demais para parar e orar, estou perdendo auxílio da mão que me pode ajudar”.

Outras e variadas influências cooperam para a libertação do poder do pecado. Ora é a camaradagem cristã; ora o serviço na causa de Deus; ora a carinhosa exortação de um irmão; ora uma poderosa visitação do Espírito de Deus na comunidade; ora o sermão que veio a calhar; ora um esforço especial coletivo de despertar espiritual. E ainda, o privilégio da disciplina do Senhor, que Deus exerce “para aproveitamento, a fim de sermos participantes de sua santidade” (Hb 12.4-13).

A vitória sobre o pecado não é inconsciente, não se realiza por meios mecânicos. Deus providencia os recursos e os meios da graça, coloca-os ao alcance de nossas mãos e deseja que façamos uso deles. Mas não nos força. A vitória deve ser consciente e voluntária, por causa da natureza original do homem. Também não é por atacado, de uma vez para sempre. É preciso oferecer resistência ao pecado (Tg 4.7), esmurrar a carne (1Co 9.27), fazer morrer a natureza terrena (Cl 3.5) e andar em Espírito vez após vez, momento após momento.

“O Senhor é o meu pastor: nada me faltará”, inclusive provisões para a vitória sobre “o corpo desta morte”. A mesa está bem suprida e preparada na presença dos nossos adversários. Isso fez Deus enviando o seu próprio Filho, o Cordeiro que tira o pecado do mundo.

MAIS PODEROSO DO QUE A MORTE

A MORTE sobe pelas nossas janelas, entra em nossos palácios e extermina das ruas as crianças e das praças os jovens (Jr 9.21). A morte tem sido campeã invicta. “Não há nenhum homem que tenha poder sobre o dia da morte” (Ec 8.8). Não obstante ser detentora de tantos troféus e ter vitória fácil, a morte será finalmente vencida. “Quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade”, então se cumprirá a palavra: “Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1Co 15.54-55). Alguém demonstrou possuir maior poder do que a morte. A vitória veio por meio do Cordeiro. “Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 57). Ele é a ressurreição e a vida. Quem crê nele, ainda que morra viverá (Jo 11.25).

O homem não pode passar de uma para outra esfera da vida se seu corpo não experimentar profundas transformações. “É necessário que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade e que o corpo mortal se revista de imortalidade” (v. 53). No grande dia da ressurreição os mortos já se levantarão adaptados para a nova e mais elevada forma de vida. O corpo ressuscitará na incorruptibilidade (não pode corromper-se, deteriorar-se, não está sujeito à decomposição), em glória (não será afeto ao pecado, não descerá de sua posição) e em poder (não terá fraqueza, não sofrerá limitações até atingir o máximo do propósito divino para ele). O corpo será espiritual, isto é, “corpo em que a vida espiritual do homem predomina” (Kenneth Wuest). O corpo estará em função do espírito. O corpo ressuscitado de Cristo será o padrão: o Senhor Jesus “transformará o nosso corpo de humilhação para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas” (Fp 3.21). “Sabemos que quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele” (1Jo 3.2).

Paulo fez uma importante e esperada explicação a respeito da situação dos crentes que estiverem vivos até à vinda do Senhor: eles serão transformados num momento, num abrir e fechar de olhos. Os seus corpos experimentarão uma rápida metamorfose que os torne positivamente iguais aos corpos erguidos do pó. O fenômeno de transformação será simultâneo com o da ressurreição.

Por meio da ressurreição dos mortos e da súbita transformação dos vivos, Jesus Cristo estará eliminando uma das consequências do pecado, a morte física, e libertando o homem da presença do pecado. Ao crente interessa a remoção da culpa, do poder e da presença odiosa do pecado. Ele aguarda a redenção final do espírito e também do corpo. O filho de Deus deseja

evidentemente aquela intervenção divina que suprima de uma vez por todas o desejo pecaminoso e a mínima impureza. O Cordeiro de Deus, que tira o pecado do homem, fará isto. Assim como Adão todos morrem, assim também todos “serão vivificados em Cristo” (1Co 15.22).

DO LADO DE FORA

A SEPARAÇÃO é algo natural e comezinho em nossos hábitos. Na mercearia separamos as coisas que precisamos e na banca de jornal separamos os jornais e as revistas que gostaríamos de ler. Separamos certos indivíduos para privarmos com eles uma intimidade maior. Separamos por ordem e assunto os livros e os papéis em nosso gabinete de trabalho. Ensinamos os nossos filhos a selecionar os companheiros e as amizades, observando o critério de costumes e moralidade. A falta de separação implica, muitas vezes, em desordem, confusão, anarquia, e inclusive, em desintegração da sociedade. A mistura dos filhos de Deus com os filhos dos homens, isto é, da linhagem religiosa de Sete com a linhagem profana de Caim, redundou na corrupção do gênero humano, por sua vez, provocou o juízo de Deus por meio do dilúvio (Gn 6.1-7). O espírito altamente liberal, amplo e ecumênico do rei

Salomão, destruindo a necessária separação entre o culto monoteísta e a idolatria pagã, levou a nação israelita à bancarrota moral e espiritual por mais de trezentos anos (1Rs 11.1-8).

A separação é necessária para que haja sobrevivência. Separemos do corpo um órgão doente com o propósito de impedir que este contamine aquele e o fio de vida se rompa. A separação emana do amor nesta e em outras circunstâncias. Quando a mãe separa o filho atacado de difteria dos irmãozinhos, ela não está amando mais os sãos e menos o enfermo. A necessidade e o amor levaram-na a agir daquela maneira.

No plano espiritual a separação é uma realidade. “Viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas” (Gn 1.4). Até para a leitura das bênçãos decorrentes da desobediência deveria haver separação: as bênçãos seriam pronunciadas sobre o monte Gerizim; e as maldições sobre o monte Ebal (Dt 11.26-32). Entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos, na planta do tabernáculo e do templo, deveria ser pendurado um espesso véu de estofa tricolor para fazer separação simbólica entre Deus e os homens, separação esta que foi desfeita quando Cristo morreu pelos nossos pecados e abriu novo e vivo caminho para Deus (Êx 26.33; Lc 23.43; Hb 10.19-22).

É, pois, muito natural e normal que Jesus mencione, em diversas ocasiões, a separação entre salvos e perdidos, entre justos e ímpios, entre bons e maus, entre crentes e incrédulos, que está para vir na consumação do século. Várias parábolas tratam deste tema escatológico. Das sete parábolas do reino, duas referem-se à separação final (Mt 13.25-30, 36-43, 47-50). Haverá separação entre a boa semente, o trigo (os filhos do reino) e o joio (os filhos do maligno), entre os peixes bons (os realmente convertidos) e os peixes ruins (os que somente fizeram uma declaração de fé). No sermão profético (Mt 24-25), encontram-se quatro referências de Jesus ao assunto. Haverá separação entre o servo bom e o mau servo; entre as virgens

prudentes (os verdadeiros cristãos) e as virgens néscias (os cristãos nominais); entre os dois servos bons e fiéis e o outro negligente mau; entre as “ovelhas”, que ficarão à direita do juiz, e os “cabritos”, à sua esquerda.

Tal separação é imprescindível. É ocasionada pela constante rejeição da graça de Deus manifestada na pessoa e na obra de Cristo Jesus, por grande parte dos homens. É requerida porque a justiça é adorno de seu caráter e ele não pode consentir que justos e ímpios tenham na eternidade as mesmas prerrogativas e a mesma posição. Além do mais, ele não pode violar o direito que outorga ao homem de dirigir-se por determinação própria. Se a maioria não vai herdar a vida eterna, é simplesmente porque não quis tomar conhecimento da salvação nem se submeter às condições exigidas (arrependimento e fé), por motivos diversos e enganadores.

A separação entre crentes e descrentes está incluída na grande reconstrução em benefício dos salvos. Na descrição da nova ordem de coisas, João declara que os ímpios ficam de fora: “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, a parte que lhes cabe será no lago de fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” (Ap 21.8). Ora, a segunda morte é a morte eterna, o prolongamento da morte espiritual, a separação de Deus para todo o sempre, pelos séculos dos séculos, através de “eras que tombam sobre eras em eterna sucessão” (W. Evens). Diz-se que nesse estado e lugar “haverá choro e ranger de dentes” (Mt 8.12). Ali “não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga” (eternidade de condição), conforme Marcos 9.48.

TUDO ESTÁ FEITO

JOÃO BATISTA não estava enganado nem exagerando quando apresentou Jesus ao povo na qualidade de “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Deve-se entender estas palavras ao pé da letra porque os acontecimentos escatológicos as confirmam. Jesus de fato veio para tirar o pecado do homem e também do mundo. O homem, uma vez isento da culpa e da nefanda presença do mal, totalmente recuperado, necessita de um ambiente perfeito para continuar a viver. “Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho. Nem se põe vinho novo em odres velhos” (Mt 9.16-17). O homem com nova natureza e novo corpo deve ser colocado em ambiente novo. A reconstrução operada pelo Cordeiro acompanha o rastro deixado pelo pecado e persegue-o até reparar todos os estragos. Jesus Cristo dará por encerrado seu trabalho quando puder dizer: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21.5). Deus não pode ser frustrado nos seus designios.

Coube a Pedro, mais do que a Paulo e a João, explicar o fato da destruição dos céus e da terra que agora existem, em linguagem clara, precisa e isenta de figuras de difícil interpretação. As palavras usadas por Pedro são técnicas e o linguajar bem poderia ser o de um homem entendido em ciências. O texto em apreço não se encontra nos livros proféticos, mas numa simples e pequena epístola de apenas três capítulos (2Pe 3.1-13).

Pedro descreve o quadro da destruição da terra pelas seguintes expressões ou palavras:

- 1) Espirituoso estrondo. “Virá como ladrão o dia do Senhor, no qual os céus passarão com espirituoso estrondo” (v. 10). Dar-se-á um estampido muito forte, como se tivesse havido uma ensurdecadora explosão;
- 2) Incêndio. “Os céus que agora existem e a terra têm sido entesourados para fogo” (v. 7) “os céus incendiados serão desfeitos” (v. 12). As chamas lambeirão implacavelmente todas as coisas;
- 3) Abrasamento. “Os elementos se desfarão abrasados” (v. 10 e 12). Sob a ação do fogo é natural que tomem a cor da brasa, o vermelho. Os elementos vão incandescer;
- 4) Derretimento. “Os elementos abrasados se derreterão” (v. 12). Os corpos serão fundidos, passarão do estado sólido para o líquido;
- 5) “Desfazimento”. “Todas as coisas hão de ser assim desfeitas” (v. 11; ver também versos 10 e 12). O incêndio provocou o abrasamento, o derretimento e o desfazimento de tudo. O âmbito da destruição é imprevisível, embora se leia que a assolação vai envolver os céus e a terra, os elementos e as obras dos homens. A garantia do evento aparece no verso 7: “Ora, os céus que agora existem e a terra pela mesma palavra têm sido entesourados para o

fogo”. A mesma palavra a que Pedro se refere é a palavra em virtude da qual as coisas visíveis e invisíveis, no céu e na terra, vieram à existência na obra da criação (Hb 5, 1.3, 11.4; Lc 7.7; Gn 1, 3, 6, 9, 11, 17, 20, 24 e 26).

O estado imediato será de caos, cheiro de fumaça e morte. Porém não durará mais do que o necessário para a feitura de “novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (v. 13). Daqui em diante João toma a palavra e descreve por antecipação a beleza e a perfeição desse novo ambiente, do qual é herdeiro o vencedor (Ap 21.1-8). “Se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e cordeiros com Cristo” (Rm 8.17). A descrição é estremecedora: o primeiro céu e a primeira terra e o mar, com todas as desagradáveis recordações, não mais existem; e a morte, o luto, o pranto e a dor desapareceram. Deus mesmo estará com aqueles que lavarem as suas vestiduras no sangue do Cordeiro. As dores de parto cessaram e a criação não mais precisa gemer, pois acaba de ser redimida do cativeiro da corrupção “Por meio do segundo Adão (Jesus) e com ele, a criação inteira com seu Senhor – o homem – entrará numa cena de glória que será como Israel a separação do dono com acréscimo do quinto” (G.E. Hendereite).

O Cordeiro de Deus, agora, somente agora, repete as mesmas palavras proferidas sob intensa dor e densas trevas na Sexta-feira da Paixão: “Tudo está feito”. E acrescenta: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 21.6). Está completa a Grande Reconstrução! Aleluia!

ELE É DIGNO

NÃO É FÁCIL CANTAR em certas circunstâncias. Israel pendurou as harpas nos salgueiros às margens dos rios da Babilônia e se negou a entoar o canto do Senhor em terra estranha (Sl 137). Em compensação é impossível reter a vontade de expressar melodiosamente a vitória alcançada, a benção recebida e o triunfo obtido depois de árduos combates e amarga espera. Quanto maior a vitória, maior será o cântico.

A libertação do jugo egípcio e a passagem a seco pelo mar Vermelho deram origem ao cântico de Moisés, a antífona de Miriã e a várias outras expressões de louvor da parte dos judeus, Débora e Baraque cantaram um hino ao Senhor pelo fato de tê-los livrado da opressão do rei de Canaã. Ana entoou um cântico pelo nascimento de Samuel. Grande parte dos Salmos é composta de orações de louvor ao Todo-Poderoso por livramentos diversos.

As notícias relacionadas com o nascimento e advento do Messias provocaram uma série de cânticos notáveis. Maria entoou o *Magnificat*, “o canto de alegria mais sublime que saiu dos lábios de uma criatura” (Matos Soares). Zacarias, por meio do cântico *Benedictus*, agradeceu o cumprimento das profecias messiânicas. Na madrugada do primeiro Natal uma multidão da milícia celestial rompeu os céus e apareceu aos pastores cantando “Glória a Deus nas maiores alturas”. O velho Simeão, entendido em profecias e em sinais dos tempos, tomou o menino Jesus nos braços e, dirigindo-se a Deus, disse-lhe: “Agora, Senhor, despede em paz o teu servo porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos” (Lc 2.25-35).

Desenvolvendo temas de profunda significação na Carta aos Romanos, Paulo, vez por outra, abre um parêntese para entoar um cântico à sabedoria, ao amor e ao poder de Deus. Na última parte do capítulo oito está o cântico de vitória e, no final do capítulo onze, o Hino de Adoração.

O povo da Bíblia é um povo que canta. Os crentes podem e sabem cantar. O que os impulsiona a cantar são as obras da providência divina. Deus não está morto, não está viajando, não está dormindo. Ele provê cada uma de nossas necessidades. Por isso cantamos. Entoamos hinos na igreja com os irmãos e em casa com os familiares. Cantamos nas cerimônias nupciais e nos ofícios fúnebres.

Na visão de Patmos, João teve a oportunidade de ver uma fantástica cena no céu. Quando o Cordeiro tomou o livro todo selado com sete selos para desatá-los, três diferentes grupos cantaram um novo cântico. O primeiro era formado por quatro anciãos; o segundo era constituído por anjos “cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares”; e o terceiro de “toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há”. As palavras do cântico são

as mesmas com ligeiras variações. A ênfase é dada ao Cordeiro, que foi morto e com seu sangue comprou para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação. Insistem em proclamar: “Digno é o Cordeiro de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”. Sim, ele é digno (Ap 4-5).

Ele é digno porque nos amou e se entregou por nós antes que houvesse mundo. Ele é digno porque aceitou voluntariamente a culpa e a penalidade do pecado. Ele é digno porque põe diante de nós uma mesa bem suprida. Ele é digno porque é mais poderoso do que a morte. Ele é digno porque fez novas coisas. Ele é digno porque tirou o pecado do mundo.

Ele é digno de receber honra e glória da parte do homem. Ele merece reverência e afeto. E, acima de tudo, o Cordeiro é digno de absoluta confiança. A causa por ele liderada é nobre, obedece a um programa previamente elaborado e é vitoriosa. As vitórias mais sensacionais da história não são para comparar com a vitória do Senhor Jesus Cristo. Aderir a sua causa significa garantia ilimitada. Ele é digno de cooperação. Ajudemo-lo a ajuntar as peças desse quebra-cabeça que é a humanidade sob o domínio das trevas. Nesta época de movimentos secundários e, às vezes, duvidosos e sutis, deixemo-nos empolgar pela pessoa e pela obra de reconstrução do Senhor Jesus Cristo. Nada de divagações sem fim nem dispersão de forças. Ele disse: “Quem não é por mim, é contra mim: e quem comigo não ajunta, espalha” (Lc 11.23). Nada de neutralidade nem indolência. “Bendiz, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome” (Sl 103.1).

— A GRANDE — *Reconstrução*

Há dois textos fundamentais na Bíblia. Falam de duas realizações opostas: a de introduzir o pecado no mundo e a de retirar o pecado do mundo. Referem-se a duas pessoas distintas: Adão e Cristo. Explicam uma série de coisas que de outro modo não seriam esclarecidas.

O primeiro versículo foi dito por Paulo na Carta aos Romanos: “Por um só homem entrou o pecado no mundo”. O segundo são palavras da apresentação oficial de Jesus ao povo feita por João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”.

A Grande Reconstrução analisa as implicações do primeiro e do segundo textos.

